

Collor decide trocar líderes no Congresso

Objetivo é garantir apoio das bancadas de PDS, PTB e PFL nas votações de interesse do governo

**LUCIANO SUASSUNA
e VERA MANZOLILLO**

BRASÍLIA — O governo decidiu trabalhar para substituir alguns dos principais líderes de partidos que apóiam o presidente Fernando Collor, como resposta à rebeldia dos parlamentares nas votações desta semana no Congresso. Numa das votações mais importantes da semana, destinada a manter os vetos presidenciais à Lei de Benefícios da Previdência, o governo só conseguiu 41 votos a seu favor contra 264.

Na quarta-feira, líderes como Amaral Netto, do PDS, chegaram a discursar pedindo votos contra o governo. "O presidente é muito vingativo", analisava ontem um parlamentar do PFL com bom trânsito no Palácio do Planalto. "Agora ele vai querer trocar os líderes."

"FRITURA"

Na realidade, o governo começou, há três meses, a emitir sinais de que está em curso um processo de "carbonização" de pelo menos três líderes importantes: Amaral Netto (PDS), Gastone Righi (PTB) e Ricardo Fiúza (PFL). O processo de fritura mais avançado é o de Amaral, que trocou a política do "é dando que se recebe" pela do "bateu, levou" e tem entrado em choques constantes com o governo.

Antes da eleição, o líder do PDS indicou um nome para a diretoria da estatal Furnas Centrais Elétricas. O governo nomeou outra pessoa. Amaral, então, apontou outro nome para um cargo no comando da Light. De novo, o governo colocou outra pessoa. Irritado, ele procurou o então ministro da Justiça, Bernardo Cabral, e acertou uma nomeação para a diretoria da Telerj, empresa do grupo Telebrás, e, em última instância, ligada ao ministro Ozires Silva, da Infra-Estrutura.

ATAQUES

Amaral chegou a comparecer à posse do novo diretor. "Mas aí quem tomou posse foi outro", relata o deputado. Depois de novas reclama-

ções, o líder do PDS recebeu um comunicado de Cabral segundo o qual Ozires lhe telefonaria para explicar o ocorrido.

Desconfiado de que estava em curso um processo de "carbonização", Amaral se armou. Acoplou um gravador ao telefone e ficou esperando o chamado de Ozires. O ministro admitiu que tinha falhado e, textualmente, teria admitido que não fora "bom caráter".

Amaral gravou tudo e passou a atacá-lo com base nessas declarações. "Ele foi chamado de sem caráter e não reagiu", afirmou ontem o deputado. "Com um tipo de ministro desse não há governo que resista."

ARTICULAÇÕES

Para evitar sua fritura, Amaral articulou, nesta semana, um encontro com os novos parlamentares do PDS. Ele e Delfim Netto deverão manter uma longa conversa com a bancada no dia 5. "Só fico na liderança se tiver liberdade total para encarar o governo com espírito crítico", afirma ele, que, se for reconduzido ao posto, no início de 1991, passará a comandar uma bancada de 41 deputados. Se houver disputa no PDS, o candidato do presidente Fernando Collor poderá ser o gaúcho Vitor Faccioni, velho adversário de Amaral.

No PTB — que entra na próxima legislatura com 33

parlamentares —, o líder Gastone Righi enfrenta uma situação desconfortável há pelo menos um mês, em função da demissão do ex-presidente do Lloyd Brasileiro José Carlos Rangel Urrutigaray, que ganhou o cargo por indicação do deputado.

OBSTÁCULOS

Na última reunião de gabinete, há duas semanas, o presidente criticou a indicação de Righi e foi claro: "Isso não pode acontecer." No início do ano, ele havia dito que daria aos parlamentares o direito de fazer indicações. Mas o indicado seria de responsabilidade do deputado, que perderia o direito de fazer novas sugestões se seu apadrinhado não correspondesse às expectativas.

O líder do PFL — o partido terá 92 deputados a partir de 1º de fevereiro —, Ricardo Fiúza, também já enfrentou obstáculos no trânsito com o Planalto. Ele pediu uma audiência com o presidente Collor, que se recusou a recebê-lo.

Nesta semana, deixou seus liderados livres para votarem contra o governo, e, num jogo de cena, chegou a ameaçar deixar o cargo por causa das dificuldades no diálogo com o Executivo. Nos bastidores, Fiúza tem tocado sua candidatura à presidência da Câmara e pode ser substituído na liderança pelo deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA).



Amaral: atuação do líder do PDS na Câmara descontenta governo